

QUANDO FALA A VOZ SUFOCADA: UMA REFLEXÃO SOBRE ORALIDADE E MEMÓRIA NO CÁRCERE

CUANDO HABLA LA VOZ AHOGADA: UNA REFLEXIÓN SOBRE LA ORALIDAD Y MEMORIA EN PRISIÓN

Maria Aparecida de Barros¹
Alexandra Santos Pinheiro²

Resumo: Neste artigo, pretendemos analisar, à luz dos Estudos Culturais, o testemunho oral apresentado pela narradora Flora, uma mulher que está, temporariamente, privada de sua liberdade, cumprindo pena em uma penitenciária feminina. Para colher esse depoimento, dentro do espaço prisional, escolhemos o método proposto pela história oral; por meio dela, também aquele que está à margem, pode ter a sua história ouvida, reconhecida e documentada. A partir desta análise, propomos uma reflexão sobre a oralidade, como um espaço pertinente para que as diversas experiências vividas possam ser trazidas à luz. Ao revisitar a sua história, a narradora encontra em suas memórias um passado que mescla alegria, angústia e lágrimas. Revela o estigma por ser mulher, pobre e encarcerada, o repúdio à violência física e psicológica, a dor da perda, a recusa ao esquecimento. Ao revelar suas memórias, empoderada do falar, Flora torna-se a porta-voz de sua própria trajetória, e constrói uma identidade possível para si. Para esta análise, teremos como referências teóricas estudos sobre memória individual e coletiva, oralidade e literatura oral, as identidades culturais em tempos de pós-modernidade, e reflexões sobre o papel da mulher no decorrer do tempo.

Palavras-chave: mulher, memorialística, prisão.

Resumen: En este artículo, nos proponemos examinar, a la luz de los estudios culturales, el testimonio oral presentado por el narrador Flora, una mujer que sea privada temporalmente de su libertad, cumpliendo una condena en una cárcel de mujeres. Para reunir esta evidencia, dentro del espacio de la cárcel, se optó por el método propuesto por la historia oral moderna; a través de él, también uno que está en el margen, pueden tener su historia escuchada, reconocida y documentada. A partir de este análisis, se propone una reflexión sobre la oralidad como un espacio relevante para diferentes experiencias se puede traer a la luz. Para revisar su historia, el narrador encuentra en sus memorias un pasado alegrías, pero también de angustia y lágrimas. Revela el estigma de ser mujer, pobre y encarcelado, el repudio de la violencia física y psicológica, el dolor de la pérdida, la negativa al olvido. Al revelar sus memorias, facultó a la charla, Flora, se convierte en el portavoz de su propia trayectoria, y construye

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. mariabarros@terra.com.br.

² Professora do quadro permanente do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br.

una posible identidad por sí mismos. Para este análisis se hace referencia a los estudios como teóricos de la memoria individual y colectiva, la literatura oral y por vía oral, las identidades culturales en tiempos post-modernos, y reflexiones sobre el papel de las mujeres en el tiempo.

Palabras clave: mujer, memorias, prisión.

Em todos os tempos e lugares e nas mais diversas culturas, o hábito de narrar histórias sempre se fez presente. Sejam histórias imaginadas ou reais, passadas de geração em geração, o poder de interpretar as narrativas seduz a todos. Muitas vezes com o intuito de ensinar uma lição, de mostrar uma verdade ou para simplesmente partilhar a vida, esse ato de contar e de materializar as imagens por meio da voz é um ritual que sobrevive ao tempo, mesmo em meio à tecnologia. Narrar, seja a dureza da vida ou as histórias do mundo maravilhoso, será sempre necessário. Neste artigo, nos deteremos sobre a história de vida narrada por Flora³, uma mulher que está cumprindo pena em uma prisão. Para colher a narrativa, utilizamos o método da História Oral, pelo viés das narrativas orais de história de vida⁴.

Por meio das narrativas orais de história de vida, é possível obter um outro olhar sobre algo já acontecido, uma vez que cada pessoa narra tal acontecido a partir da sua subjetividade, e de seu lugar no espaço social. A construção da narrativa possui as marcas dessa posição, assim como da percepção que o narrador tem de si e do mundo a sua volta. Portanto, Flora, ao narrar suas memórias atrás das grades, volta o olhar para o seu passado de mulher livre, mas não deixa, porém, de considerar a sua situação atual.

Ao falar de si, a depoente tem a oportunidade de se revisitar, fazer uma releitura, e, se julgar necessárias, fazer também alterações em sua trajetória futura. A sua existência reveste-se de uma importância tal, que vale a pena ser ouvida e acolhida por todos. As experiências reveladas passam a ser conhecidas e, conseqüentemente, percebidas ou até mesmo reconhecidas por outras pessoas que passaram por situações semelhantes. A história oral transforma pessoas simples, pertencentes às minorias, em personagens importantes e com vivências dignas de serem partilhadas. As experiências relatadas contribuem para que mais estudos sejam realizados acerca de homens e de mulheres pertencentes a grupos sociais pouco valorizados, tidos como invisíveis ou desprovidos de registros escritos sobre suas existências.

As constantes mudanças, as incertezas e efemeridades das ideias e das coisas são características dos dias atuais: a velocidade pós-moderna⁵ é marca do nosso tempo. Essa realidade torna, a todos, seres completamente mutantes e adaptáveis aos espaços

³ Utilizaremos um pseudônimo para a narradora a fim de preservar-lhe sua identidade, e utilizaremos também nomes fictícios para pessoas ou lugares, no sentido de para ocultar informações que possam comprometer-lá.

⁴ A entrevista foi realizada na Penitenciária feminina de Rio Brillante, local onde a autora principal deste artigo trabalha atualmente.

⁵ Jean-François Lyotard em sua obra intitulada O Pós-Moderno (1986), aborda o conceito de pós-modernidade, que para ele está marcada pela incredulidade diante dos discursos que se pretendem atemporais e universalizantes. A ideia de verdade, é constantemente reformulada, e seria o resultado da vitória do discurso que melhor convence. O saber estaria, portanto, marcado pela dúvida, desconfiança pela desconstrução, e dessa forma constantemente questionado.

necessários para a sobrevivência. Manter uma identidade própria diante de um contexto de globalização e de uma cultura homogeneizante é um desafio constante, que se torna ainda mais difícil quando se está em situação de cárcere, longe de tudo o que lhe é familiar. A privação da liberdade provoca angústia e, além dos diversos males decorrentes da prisionalização⁶, torna as lembranças um bem de extrema importância e necessidade. Por meio das lembranças, ainda se pode preservar um pouco de si, dentro de um espaço onde a individualidade é rara. Rememorar, falar de si, contar a sua história, estando em uma situação de prisão, às margens, excluído e apropriar-se do direito à fala é um ato de coragem e de rebeldia. Para Achugar, essa manifestação é apenas um fragmento: “Outra coisa não pode elaborar aqueles que falam da periferia ou desse lugar que alguns entendem como espaço de carência” (2006, p. 14). É desse espaço que a mulher marginal elabora a sua narrativa, manifesta-se por meio de um balbucio.

Para as mulheres, a vida no cárcere e o espaço prisional são ainda mais penosos, afinal, esses ambientes não foram pensados para elas. As cadeias, desde a sua origem, foram construídas para os homens. Ali se encontram, em sua maioria, mulheres negras, pobres, com pouca ou nenhuma escolarização, de todas as idades e que não aceitaram desempenhar os papéis que a sociedade já havia estabelecido. A sociedade espera que as mulheres tenham um comportamento pacífico, “estagnante como um belo lago submisso, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente” (PERROT, 1988, p. 188), nunca se espera que possam ser violentas, frias, estelionatárias ou assassinas. Assim, a mulher, tantas vezes excluída da história⁷, uma vez privada de sua liberdade, é duas vezes segregada, posta em esquecimento. Ao fazer uso da palavra e apropriar-se da força da linguagem, falando de si e compartilhando suas experiências, essas mulheres elaboram o seu balbucio, produzem o seu discurso, a partir das celas da prisão, e “compartilham a experiência da ferida ou da humilhação ou do desprezo” (ACHUGAR, 2006, p. 14). É através do poder de suas vozes, nas narrativas orais, que elas reivindicam o direito à fala.

Os relatos memorialísticos⁸ das mulheres em situação de prisão não podem ser analisados fora de seu contexto, visto que a condição de prisão, embora seja temporária, tem as suas peculiaridades. Os estudos⁹ acerca dos ambientes prisionais permitem afirmar que esses espaços possuem influência direta na vida das apenadas, assim como na maneira delas narrarem suas histórias de vida. O encarceramento de mulheres, no

⁶ Por prisionalização, entende-se os valores, atitudes, bem como os costumes impostos dentro do ambiente prisional e que são aprendidos e assimilados pelos reclusos como uma forma natural de adaptação e de sobrevivência ao rígido sistema prisional, incluindo aí as formas de comer, falar, vestir-se, o que pode variar em diversos níveis, dependendo do tempo de prisão e da aceitação da pena. Essa mudança comportamental, muitas vezes, acontece de forma inconsciente. Mais sobre o tema podemos ver em BITENCOURT, C. Falência da Pena de Prisão: Causas e Alternativas. São Paulo: Ed Revistas dos Tribunais LTDA, 1993.

⁷ Michele Perrot, ao falar sobre a relação da história com as mulheres afirma que “Da história, muitas vezes a mulher é excluída” (PERROT, 1988, p.185), pois a história foi escrita por homens e eles escrevem a história no masculino, e quando falam das mulheres estas aparecem como “meras coadjuvantes”.

⁸ Os relatos memorialísticos decorrem de entrevistas, que foram gravadas, e procuramos elaborar perguntas que permitissem às mulheres percorrerem sua trajetória de vida de maneira reflexiva. As questões, de maneira geral, versaram sobre nascimento, família, auto identificação e o processo que as conduziu à situação de prisão.

⁹ GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963, pp. 11-48.

Brasil, acontece desde a chegada da Corte Portuguesa. As prisões femininas brasileiras estão superlotadas, e infelizmente a cada dia o número de mulheres apenadas tem crescido consideravelmente. Esse crescimento demonstra que as mulheres, assim como tem alcançado mais espaço na sociedade, também tem se feito mais presente no mundo do crime.

O estado de Mato Grosso do Sul possui números proporcionalmente maiores que outros estados mais populosos, devido ao fato de que ele possui fronteiras secas com outros países e com outros cinco estados brasileiros¹⁰, situação que facilita o tráfico de entorpecentes, a maior causa da prisão de mulheres no estado. Há, atualmente no estado, 13 unidades prisionais femininas nos regimes fechado, semiaberto e aberto. Há duas unidades na capital: o Estabelecimento Penal Feminino Irmã Irma Zorzi, que é para o regime fechado com 231 vagas, mas com 362 custodiadas, e há o Estabelecimento Penal Feminino Semiaberto, aberto e Casa da albergada com 110 vagas e 116 custodiadas. No interior do estado, há 11 estabelecimentos penais, custodiando 579 internas em Regime Fechado e 153 em Regime Semiaberto, totalizando 732 internas. Há unidades em São Gabriel do Oeste, Corumbá, Jateí, Ponta Porá, Rio Brillhante, Três Lagoas, e Dourados.

A condição feminina por detrás das grades, espaço onde podemos identificar sujeitos à margem, é duas vezes mais sofrida. Sofre-se por ser mulher e por ser criminosa. A mulher criminosa ousou praticar o que era inerente apenas aos homens. E, ainda na prisão, lhes atribuem o crime a uma influência masculina ou a crimes passionais, visto que as características de submissão, passividade, e incapacidade para a prática criminosa ainda estigmatizam essas mulheres. Assumir que a mulher também é capaz de ter uma conduta criminosa, de atos de violência e de inversão dos papéis, significa encarar que ela não é inferior ao homem, que ambos são semelhantes e capazes de agir da mesma forma. Portanto, confinar a mulher ao espaço doméstico também é uma das formas de mantê-la longe de possíveis atos criminosos.

A invisibilidade da mulher no decorrer da história é fruto de diversas concepções deturpadas e que ainda nos dias atuais são utilizados para justificar as injustiças e violências. A exclusão da mulher pode ser percebida nos diversos setores da sociedade, são esquecidas entre panelas, vassouras e fraldas. Também na literatura a invisibilidade se faz presente, segundo a pesquisadora Rita Terezinha Schmidt,

As razões determinantes para esse “esquecimento” são complexas e remetem à própria concepção de criatividade postulada pela ideologia patriarcal e generalizada sob a forma de uma premissa básica, a de que os homens criam e as mulheres simplesmente procriam. A nossa criação estética, de base europeia, tradicionalmente definiu a criação artística como um dom essencialmente masculino. Tal qual Deus Pai criou o mundo e o nomeou pelo poder do verbo, o artista sempre foi visto em um papel análogo ao papel divino, sendo, portanto, considerado um progenitor do texto, um

¹⁰ O Estado de Mato Gross do Sul limita-se com cinco estados brasileiros: Mato Grosso (norte), Goiás e Minas Gerais (nordeste), São Paulo (leste) e Paraná (sudoeste); e dois países sul-americanos: Paraguai (sul e sudoeste) e Bolívia (oeste).

patriarca estético. Excluída da órbita da criação, coube à mulher um papel secundário da reprodução (SCHMIDT, 1995, p.184).

Para a mulher, resta ser representada como alguém que não é capaz de criar, ou de fazer algo tão bem quanto um homem. A sua importância foi severamente diminuída, de tal forma que ela não é estimulada a desenvolver os seus potenciais e inclinações estéticas. Ao nos reportar ao fazer literário feminino, podemos afirmar que a escrita feminina sempre foi tida como menos importante. Com o falso entendimento de que as mulheres possuem uma inteligência inferior aos homens, sua criação é desvalorizada e classificam-na como pouco relevante. Ao colocarem as mulheres como musas, fonte de inspiração para a criação, em especial, no século 19, os escritores, automaticamente tiravam delas o poder de criar. Nesse sentido, as escritoras tiveram que enfrentar diversos desafios para assegurarem o papel de autoras, e a autoridade de representarem, por meio da escrita, as mais diversas realidades (Cf. SCHMIDT, 1995). A escrita feminina que, até então, era vista conforme as representações sociais do feminino, relacionada à passividade e à submissão, começa a conquistar o seu lugar na literatura, quando suas personagens começam a falar, quebrando tabus e preconceitos. A voz feminina na literatura se levanta contra o silêncio e a invisibilidade.

A história de Flora também é um grito que se levanta em meio a sua condição de encarcerada, é uma voz sufocada que procura um meio para ser ouvida. Ao fazer uso da palavra e apropriar-se da força da linguagem, falando de si e compartilhando suas experiências, Flora elabora o seu discurso. Suas experiências são lembradas a partir da cela da prisão, e neste ato “compartilha a experiência da ferida ou da humilhação ou do desprezo” (ACHUGAR, 2006, p. 14). É através do poder de sua voz, nas narrativas orais, que ela reivindica o direito à fala.

Estes relatos memorialísticos, construídos em situação de encarceramento, não podem ser analisados fora de seu contexto, visto que a condição de prisão, embora seja temporária, tem as suas peculiaridades. Por meio das narrativas orais de história de vida, é possível obter um viés diferente sobre algo já acontecido, uma vez que cada pessoa narra tal acontecido a partir de sua subjetividade, e de seu lugar no espaço social. A construção da narrativa possui as marcas dessa posição, assim como da percepção que o narrador tem de si e do mundo a sua volta. Antes de chegar à prisão, Flora trilhou um longo caminho. Desde a sua infância, a dor e o sofrimento de fizeram presente, a exemplo da perda do pai, que fora assassinado, aos nove anos de idade. Assim ela relata:

depois que eu perdi o meu pai, fiquei moranu cum a minha mãe, a minha mãe estava grávida de oito meses do meu irmão, aí minha mãe lutô muito pra sustentá eu e os meus irmão, a gente era em cuatro, né, e ela trabalhava muito, fazia faxina na casa de um, faxina na casa de otros, mas graças a Deus a minha mãe conseguiu, sustentá a gente em casa, não dexô faltá as coisa em casa (Flora, 2014).

A imagem paterna que Flora guarda em sua memória é de tempos bons: “a minha imagi da minha infância é quando meu pai era vivo, que quando ele chegava a noite im casa di viagi, e que a primera coisa que ele fazia era mi abraçá e mi bejá i intregá os doces que ele trazia pra mim”. O pai afetuoso que, ao chegar em casa de viagem, abraça e beija a filha pequena e lhe presenteia com doces, foi a recordação que ainda permanece viva para a narradora:

Meu pai era motorista de ônibus da Viação Motta, ele era, intão ele viajava, ele fica dois, três dias fora, quando ele viajava eu ficava doente, minha mãe me levava no médico, médico me examinava tinha febre, mais não tinha assim garganta, nada, e ele falava que era farta de alguém, mais era falta do meu pai, meu pai chegava eu sarava da minha febre, aí ele chegava me chamando já, se eu tivesse dormindo ele me acordava pra me dá presente, trazia doce que eu gostava, intão, meu pai era tudo mesmo pra mim, acho que se eu tivesse meu pai hoje eu não estaria nesse lugar que eu tô hoje (Flora, 2014).

Além da imagem da mãe, que faz todo o possível para dar sustento aos filhos, sem deixar que nada falte, Flora, ao ser indagada se havia em sua infância a presença de algum adulto que lhe contava histórias, ela relata:

Lembro era minha vó, a mãe do meu pai, ela contava muita história, principalmente de noite quando a gente ia dormi, aí ela contava as história da vida dela, história da roça e a gente gostava muito de ouvi a história dela.(...) Lembro, ela contava muita história do lobisomi, que ela tinha um vizinho na época lá que ela diz que virava lobisomi, que ela conhecia e a gente ficava com medo, porque na época assim, ele ainda era vivo e ele ia lá im casa e gente corria dele (Flora, 2014).

As lembranças da avó que contava histórias, e os “causos” ouvidos na infância, que foram transmitidos por meio da oralidade, também são recordações presentes na vida de Flora. Sobre a oralidade, Câmara Cascudo, em sua obra *Literatura Oral do Brasil* (1984), afirma que ela é a característica principal da literatura Oral, ela “que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo” (1984, p. 23), ou seja, não é necessário ser a testemunha ocular de algo para que se acredite que ele aconteceu, basta ouvi-las. As verdades também podem ser transmitidas pela voz, e a oralidade é o caminho para a transmissão delas. Por meio da persistência em transmitir às gerações futuras, é que diversas práticas culturais resistem ao tempo. As histórias ouvidas na infância e guardadas na memória poderão ser transmitidas aos filhos e netos de FC, de forma que, não serão esquecidas. A narradora relata também uma história acontecida em sua família, e que era contada várias vezes pela avó:

Tem outra história também que a minha vó contava muito pra gente, é a história que a minha avó é paraguaia, lá de Assunção, aí ela contava que na época ela tinha uns dez, onze anos que ela trabalhava na roça com minha vó, meu avô, e a minha tia era pequena, tinha uns oito meses, diz que o saci pererê lá do Paraguai e carregô minha tia, e depois meu vô e o pessoal lá acharam a minha tia no mato (...) Daí diz que ela ficô uns dias gaga, não falava nada, aí depois ela voltô a fala (Flora, 2014).

Podemos verificar que as lendas também fazem parte do repertório familiar, de geração em geração, são transmitidas pelo poder da oralidade. Ao falar sobre o sumiço da irmã da avó, quando criança, que foi raptada por Saci Pererê, não conta apenas uma história, mas também reforça as crenças populares da família. Pelo ouvir, a sabedoria e tradição cultural da família é assimilada e, posteriormente, transmitida. Ela também reproduziu as histórias que ouviu, pois também contava histórias para o filho:

Ele, ele era assim um mininu muito meigo, gostava, nossa eu conversava muito com ele, contava historinha pra ele, ele dormia comigo sabe? Então, eu dava muito amor e carinho pra ele. Eu contava, assim, historinha da bíblia pra ele. Inventava também, contava história, ele gostava muito das historinha que eu contava, de noite ele já deitava do meu lado já pedia, depois eu contava a historinha, depois ele rezava pa papai do céu e ia dormi (Flora, 2014).

A oralidade, segundo Le Goff (2003), consiste na forma como uma pessoa expressa as suas lembranças, e aciona a sua capacidade psíquica para rememorar, e entrar em contato com o passado (LE GOFF, 2003). Sobre a presença materna, Flora guarda boas recordações: “A minha mãe vem me visitá, a minha mãe faz de tudo por mim, e quando dá assim ela vem, ela vem me visitá, ela vai vê o meu irmão na ota cidade que ta preso tambeim né, e, ela não me abandona, nunca me abandono” (Flora, 2014). Revela uma mãe atenciosa e presente em sua vida, que nunca a abandonou, assim como a um irmão que também está em situação de prisão. Mais adiante na entrevista, porém, a narradora, contraditoriamente, afirma que ficou um tempo sem falar com mãe por causa de um relacionamento amoroso. Dessa forma, podemos notar que a presença mãe que a visita na prisão é mais forte que imagem da mãe magoada da adolescência. Ao avançar em suas memórias, revela um episódio de violência familiar que marcou para sempre a sua vida:

(...) eu tenho um acontecimento que é, aconteceu comigo que até hoje eu não esqueço, inclusive assim, é cum primo meu assim, eu sei que é errado falá isso, mais eu tenho muita muita raiva, mágoa dele, porque ele tento me violentá, só tava eu em casa e ele chegô, ele já era casado, ele me puchô pó quarto e ele quiria me istuprá, eu consegui escapá e sai correndo, chorando. (...) Eu tinha uns onze anos. Aí eu cheguei im casa, contei pó meu avô o que ele tinha tentado fazê comigo, o meu avô foi lá, chego lá não encontrô mais ele, e agora, inclusive ele mora em xxxx, diz que meu primo ta doente, deu derrame nele, tá lá morre num morre, foi isso que aconteceu (Flora, 2014).

Ela se desculpa por sentir raiva do seu algoz, porque acredita que “é errado sentir raiva ou mágoa”, mesmo que tenha sido a vítima, aos onze anos de idade. Após a violência, que não foi denunciada ao poder policial, ainda teve que conviver com o parente próximo:

Aí ele chegava e eu saia de perto, inclusive ele ia lá na minha casa em Campo Grande, cum a minha prima levá ela às vezes, ele descia, ele chegava, ele sentava lá, e, eu saía de perto. Ele ficô muito doente também, daí a minha tia me pediu pra ir lá vê ele, eu não fui vê ele, não quis ir vê ele. Ele tá lá, tá vegetando lá na cama, usando fralda essas coisa. Eu nunca perdoei nem tenho vontade de vê ele, inclusive até eu falava assim

pra minha irmã de Dourados: se o João morrê, vocês nem me chama porque eu não vô ir, intão, pra mim ele não é nada (Flora, 2014).

Ainda nos dias atuais, o drama sofrido por Flora continua presente em sua memória, uma memória ferida, que não permite o esquecimento, assim como também não permite o perdão: o desprezo ao seu agressor é forma que ela encontra para conviver com a lembrança. Acerca do dever de não esquecer, Paul Ricouer considera que “o dever da memória é, muitas vezes, uma reivindicação de uma história criminosa, feita pelas vítimas; a sua derradeira justificação é esse apelo à justiça que devemos às vítimas” (RICOUER, 2003). Podemos notar, também, traços de ressentimento ao falar do casamento precoce aos 14 anos com um rapaz de 23. Sendo que, para estar próxima de seu futuro marido, teve que enfrentar os seus familiares, contrários ao relacionamento, devido à diferença de idades. A fuga foi a maneira encontrada para ficarem juntos, fato que custou muito sofrimento, uma vez que a sua mãe deixou de falar com ela até o nascimento do neto, anos depois. Sobre a vida conjugal, ela relata:

O casamento foi muito bom no começo, né? E, eu era novinha, ele era uma pessoa já mais de idade, muito ciumento, assim, ele era doente, às vezes ele saía pra o serviço à noite, tinha que trabalhá, ele me colocava dentro da viatura e me levava pa não me dexá, que ele era muito possessivo, o ciúme dele, ele era muito doente mesmo (...)ele não agredia não, mais o pobrema era esse, o ciúme dele, não me dexá em casa porque eu era nova, medo deu aprontá decerto, aí eu ia com ele, ficava a noite inteira lá com ele no otro dia vinha embora (...)além dele sê policial ele bibia muito, muito, muito, muito, aí foi ficanu mais ciumento, mais ciumento, chegava im casa assim vê coisa, vê, vê homi, vê as coisa, num guentei e fugi, fui imhora pa casa da minha mãe(Flora, 2014).

Os ciúmes do marido e a violência que sofria dentro do espaço doméstico fizeram com que Flora, novamente, procurasse a fuga como saída para a sua situação de sofrimento, colocando um final ao casamento. A presença materna surge como um porto seguro onde ela teria abrigo.

Após o término do seu casamento, outros amores apareceram na vida de Flora, e que se tornaram os pais de seus outros três filhos. Foram relacionamentos também marcados pela violência psicológica e que não deram certo, uma vez que eles eram usuários de entorpecentes e constantemente estavam presos. Essa realidade fez com que ela criasse os filhos sozinha. Estar em situação de cárcere, devido ao tráfico de drogas, assim como seus ex-companheiros, leva a narradora a rememorar o seu passado com outro olhar. Para Ecleia Bosi, a memória possui um caráter mutante, ela afirma que,

A memória não é um sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na nossa infância, porque nós não somos os mesmos

de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

O presente, o momento da lembrança, implica na maneira como o fato acontecido é recordado, as inúmeras experiências vivenciadas após o fato rememorado serão determinantes na maneira de recordar, pois “já não somos os mesmos”. A narrativa, nesse sentido, é um reflexo do seu meio social, permeada por diversas vozes, que ajudam a compor o seu relato.

Estudo de Maurice Halbwachs (1990), sociólogo da tradição da sociologia francesa, defende a ideia de memória coletiva, que se forma a partir de influências do meio social ao qual o indivíduo está inserido, estes estudos não se detêm apenas na memória em si, como também nos quadros sociais da memória. As experiências do passado são reconstruídas com as imagens que temos hoje. Portanto, para Halbwachs, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, aquela criada a partir das relações sociais e do reconhecimento do que cada indivíduo faz dessas relações. Nesse sentido, memória narrada possui suas bases no meio social, no qual ela está inserida, ou seja, a coletividade contribui com os alicerces para que essa memória não se perca:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (...) Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. Dessas combinações, algumas são extremamente complexas. É por isso que não depende de nós fazê-las reaparecer. É preciso confiar no acaso (...) a sucessão de lembranças (...) explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Portanto, segundo Halbwachs, as nossas lembranças dependem das pessoas e do meio que nos cercam. Elas surgem a partir das relações que são estabelecidas com o nosso entorno. Em nosso caso, em que analisamos uma narrativa oral, a memória, que é viva e dinâmica, se articula na narrativa conforme a vontade do narrador, que imprime nela a sua marca, o seu modo de narrar. Ela se estrutura de forma artesanal. Nesse sentido, Walter Benjamin afirma:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador, para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Os vestígios do narrador ficam presentes nas entrelinhas da narrativa. É o momento presente, individual para cada um, que se manifesta na narrativa. Para FC, a privação da liberdade e distância daqueles a quem ela ama, são elementos que marcam a sua narrativa:

A gente conversa lá dentro sobre família, filhos, aí lá fora a gente conversa muito assim. Eu mesmo assim as minhas conversa é mais é filho, é neto, né? Lá de fora, porque daqui de dentro conver... falá o quê daqui de dentro? E, eu... me dô muito bem com todo mundo, sô uma pessoa que assim, muito de boa, que respeito todo mundo, né? Pra podê sê respeitada, mais eu não tenho o que falá das minha colega não (...) Aí vai lembrando, vai dando saudade, aí vai passanu, a gente fala muito à noite, aí vem o sono, a gente dorme mais rápido né? Principalmente quem tem filho né? Começa a falá e elas começa a perguntá dos meu neto, eu começo a contá o que eles fazia comigo lá fora, intão aí, vai passanu né? (Flora, 2014).

Flora se questiona “fala o quê daqui de dentro?”. A ausência da liberdade, as privações da prisão, a superlotação das celas são assuntos que a narradora prefere não mencionar. Nesse sentido, Ricouer aponta que “as recordações, são por assim dizer, narrativas e que as narrativas são necessariamente seletivas”. O que vai ser narrado será devidamente escolhido, conforme o desejo da narradora. Sobre esse aspecto seletivo, Zumthor (1997) também concorda que a manutenção, a transformação ou o desaparecimento de um enunciado ao longo do tempo possuem relação direta com essa a característica que a memória possui. Durante a entrevista, Flora, entre lágrimas, relata que perdeu seu filho mais velho: “Eu tinha seis filhos. Três minina e três mininu. Faiz três ano que eu perdi o meu filho mais velho, com trinta e um ano, mataram ele pa robá ele” (Flora, 2014). Relembrar a perda do primogênito causa a ela imensa dor, motivo pelo qual prefere não comentar os detalhes deste fato.

Os sonhos que Flora cultiva, e que seleciona para partilhar conosco, se relacionam ao retorno ao convívio com seus familiares:

Meu sonho pro futuro, eu assim, sai desse lugar, nunca mais mesmo mechê cum essas coisa errada, e, tê meus filho, meus neto, que ta aumentando, cada dia aumentando né? E vai ajuda a mais ainda, tê eles tudo assim oh, tudo perto de mim, num quero que nenhum fica longe de mim, tê eles sempre do meu lado, tudo na minha casa, que nem eu falo assim, tê uma varanda bem enorme, umas duas mesa grande pra eles fica comigo tudo na hora do almoço comigo, e, eu consegui um serviço muito bom, pra eu ajuda, bem, pra ajuda meus filho lá fora (Flora, 2014).

Flora sonha em “nunca mais mexer com coisa errada”, tem consciência de que a prática das atividades ilícitas, como o tráfico de entorpecentes, considerado crime hediondo¹¹, vai afastá-la do convívio dos familiares, ao mesmo tempo em que

¹¹ O tráfico de drogas é considerando um crime hediondo conforme a Lei nº 11.343 de 23 de Agosto de 2006. Artigo 33 : Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar: Pena - reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa.

considera que a sua presença será útil para seus filhos e netos. Para alcançar seu sonho ela compartilha “E, meu sonho é esse, eu sei que vô consegui, eu tenho muita fé e não tenho preguiça. Por isso que eu tô estudano também” (Flora, 2014). Ela demonstra que, embora tenha passado por diversos sofrimentos, não deixa de sonhar e fazer algo para alcançar seus objetivos. A prisão, que lhe tira a liberdade, não lhe tira o desejo de um dia ser feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta reflexão, podemos concluir que a condição marginal da mulher encarcerada e o espaço prisional influenciam nas memórias a serem preservadas, assim como na maneira como elas são revisitadas. As narrativas orais de vida são um instrumento, por meio do qual, ela pode partilhar as suas vivências. A narrativa, da qual ela é protagonista, adquire importância para ser testemunhada. Nesse ato, a mulher, antes invisível e sem valor, assume a autoria de sua história, e ao contá-la, deixa a sua marca, como o oleiro deixa no vaso, afinal, são as suas experiências. É pela memória que se pode saber quem somos, construímos nossa identidade. Flora se encontra presa, mas, por meio de suas experiências de vida, ela sabe quem é de fato, assim como tem consciência da identidade que constrói para si. Ao visitar o seu passado, encontra-se com as dores da violência familiar na tentativa de estupro, na violência conjugal com o marido alcoólatra, na violência policial ao ser presa, e a violência que lhe tirou um filho, na violência silenciosa de todos os dias atrás das grades e das altas muralhas. A oralidade, a sua voz, torna essa narrativa possível. Nesse sentido, concordamos com Hannah Arendt (2010) ao afirmar que, as penas, sejam elas quais forem, tornam-se suportáveis se as narrarmos, ou fizermos delas uma história. Nas memórias emergidas durante a entrevista, encontramos uma mulher, mãe, filha e esposa, com algumas alegrias e diversos sofrimentos, mas que apesar das angústias da prisão, ainda sonha. O reencontro com a família é o seu propósito. É o seu desejo: retornar ao seu antigo lugar, “uma varanda enorme, com duas mesas, almoçar todo mundo junto”, hora de recomeçar. Lutar por manter-se livre, sair da marginalidade e encontrar alternativas para não retornar à prática de delitos.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CASCUDO, Luis Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Ed. Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de História de Vida. In: *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015.

RICOEUR, Paul. Transcrição de comunicação na conferência “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”, Budapeste, 2003. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso em 10 de jul de 2015.

SCHMITD, Rita. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. org. Marcia Hoppe Navarro. Porto Alegre: Editora UFRGS. 1995.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo, 1997